

MESMA NOVA HISTÓRIA

Livro do Professor



Everson Bertucci
Mafuane Oliveira
Juão Vaz



EDITORA
acalANTO

MESMA NOVA HISTÓRIA

Everson Bertucci • Mafuane Oliveira • Juão Vaz



**MATERIAL DIGITAL
DO PROFESSOR**

por Mafuane Oliveira



EDITORA acalANTO

Carta aos professores

Caro educador, cara educadora:

Bem-vindo, bem-vinda ao *Manual de Mesma nova história*, obra que pode ser considerada um conto e foi escrita por dois autores, a contadora de histórias e arte-educadora Mafuane Oliveira e o professor e escritor Everson Bertucci. As ilustrações são de autoria de João Vaz.

O enredo aproxima gerações, buscando valorizar os mais velhos e suas histórias de vida, seus saberes. Nessa história, há uma personagem muito animada e independente, uma avó que mora sozinha e tem as vozes do rádio como companhia. Ela tem uma vida bastante ativa até começar a perder a memória e necessitar de ajuda familiar em seu cotidiano. Para lhe fazer companhia, é convocado um neto, o único personagem a ter um nome, Vicente. O menino, sempre entretido em seus aparelhos eletrônicos não gosta nada de sua nova função e evita ouvir as histórias repetidas de sua avó durante as visitas diárias. Até que um dia... ele fica sem seu aparelho eletrônico. Para se entreter, passa a levar brinquedos para a casa da avó. E então, algo muito diferente acontece na relação entre os dois. Por meio dos brinquedos e das histórias, eles se

aproximam e Vicente passa a saber mais de si e de sua família ao conhecer as memórias de sua avó.

Além deste enredo que aborda de forma tão delicada a relação dos mais novos com os mais velhos, o fato das personagens serem negras revela outras formas de existência e subjetividades desta população, para além das violências impostas pelo racismo, a partir da criação de espaços de vida, de arte e brincadeiras. Portanto, a leitura de *Mesma nova história* também nos possibilita conectar com outros valores civilizatórios da diáspora africana pautados na memória, ancestralidade, oralidade e escuta ativa.

Os temas abordados na obra são: **descoberta de si**, ao focar personagens que vivenciam percepções de sentimentos, e **família, amigos e escola**, ao abarcar as primeiras experiências interpessoais e sociais das crianças, permitindo a construção de percepções e questionamentos sobre si e sobre o outro. Além desses temas principais, a depender da abordagem escolhida pelo educador ou educadora, pode-se também abarcar o tema: **diversão e aventura**.

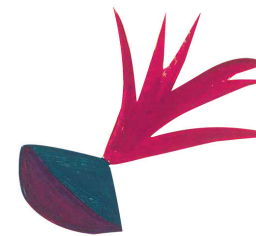
O material que você tem em mãos está organizado em cinco seções, a saber:

1. **Contextualização** – contexto da obra, tema e autoria.
2. **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino fundamental?** – justificativas da pertinência da adoção nessa etapa da escolaridade, estabelecendo diálogos com

documentos norteadores, como por exemplo, a BNCC e o PNA.

3. **Propostas de Atividades** – sugestões de atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura para que se possa ampliar os sentidos construídos na leitura e propor desdobramentos que sejam pertinentes à exploração do livro, além de sugestões de ações institucionais de leitura a partir da obra, envolvendo a comunidade escolar e ações de leitura em casa – literacia familiar.
 4. **Outras propostas de abordagem da obra** – propostas de ampliação de leitura da obra.
 5. **Para ir além** – propostas de intertextualidade.
- **Bibliografia comentada** – referências bibliográficas utilizadas com breve comentário sobre cada obra, situando o professor frente às obras que serviram de apoio na elaboração do material.

Esperamos que tenha uma boa leitura!



Copyright © 2021 Editora Acalanto

Este conteúdo digital é parte integrante do *Livro do Professor*
– Edição especial PNLD 2023

Editora: Renata Farhat Borges

Texto: Mafuane Oliveira

Revisão: Mineo Takatama

Diagramação: Elis Nunes



EDITORA acaLANTO

www.editoraascalanto.com.br

SUMÁRIO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO	5
2. POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?	9
3. PROPOSTAS DE ATIVIDADES	12
4. OUTRAS PROPOSTAS DE ABORDAGEM DA OBRA	24
5. PARA IR ALÉM – PROPOSTAS DE INTERTEXTUALIDADE	26
BIBLIOGRAFIA COMENTADA	28

1. Contextualização

Título: Mesma nova história

Autores: Everson Bertucci e Mafuane Oliveira

Ilustrador: João Vaz

Páginas: 60

ISBN: 978-65-84600-07-2 (Livro do estudante)

Categoria 1: 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

Gênero: Conto, crônica, novela

Temas: Descoberta de si; família, amigos e escola; diversão e aventura



“Embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros.” (Yolanda Reyes)¹

Este material foi elaborado para compartilhar a história do processo criativo de três arte-educadores que resultou no nascimento do livro *Mesma nova história*. Nosso objetivo é estimular educadoras e educadores a ampliarem as possibilidades de mediação de leitura tanto na escola quanto com propostas que poderão ser desenvolvidas em parceria com as famílias. Recomendamos a leitura prévia deste material e das atividades propostas, lembrando que se deve incorporar ao cotidiano apenas aquilo que for mais adequado ao perfil de sua turma de estudantes. Esperamos que as reflexões e bibliografias sugeridas ofereçam **novas perspectivas** sobre a importância de se trabalhar as experiências interpessoais e sociais na infância, por meio da leitura compartilhada da obra e da prática de narrar histórias oralmente.

1.1. A sinopse

O livro conta a história de uma avó que era muito animada: amava girassóis, gostava de bordar e pintar e morava sozinha, tendo as vozes do rádio como companhia. Até que esse ciclo de

¹ REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

independência é interrompido porque ela começa a perder a memória e algumas habilidades. Esquece o nome de seus familiares, de objetos, e sua única lembrança é uma história na qual aparecem o seu esposo, o mar, flores e aventuras do passado. A rotina dos familiares precisou ser adaptada para que a avó não ficasse sozinha. É quando Vicente, seu netinho, passa a fazer companhia para ela. Contudo, com a atenção sempre voltada aos aparelhos digitais, o menino pouco interagia com sua avó ou dava atenção ao que ela contava diariamente.

Um dia, o aparelho eletrônico de Vicente cai dentro do vaso sanitário e para de funcionar. O menino experimenta um sentimento de frustração, mas, ao ficar sem os jogos digitais, encontra nos brinquedos artesanais e brincadeiras antigas uma nova fonte de entretenimento. As narrativas da avó, que para ele eram chatas e enfadonhas, passam a se transformar a cada vez que ele leva um brinquedo ou apresenta um novo objeto para ela. Cada elemento desperta novas lembranças na senhora idosa. A partir daí, neto e avó, antes separados pela diferença de idade e pelas tecnologias digitais, se reencontram na linguagem do afeto, do brincar e da valorização da arte de contar histórias e, por meio delas, reconhecem os laços familiares.

1.2 A história da história...

A primeira versão da história deste livro foi imaginada pelo Everson Bertucci em uma oficina literária em 2008. Mafuane

Oliveira, sua amiga e narradora de histórias, incorporou o conto ao seu repertório em 2011. Seguindo o velho ditado: “Quem conta um conto aumenta um ponto”, ela foi “temperando” sua versão, incluindo novos elementos ficcionais e biográficos, como a história de sua avó, Judite Maria de Jesus, uma mulher negra baiana que teve vinte filhos. O João Vaz, ao apreciar a narração em 2013 e ter contato com o texto, se apaixonou pela história e deu a ela ilustrações com novos elementos, significados e muitas cores.

Assim nasceu o livro *Mesma nova história*, resultado do encontro de três amigos que uniram três linguagens artísticas diferentes: escrita, oralidade e ilustração, até fixar-se na versão literária publicada em agosto de 2021. Por meio da narrativa visual e textual, o livro aborda conflitos intergeracionais, apresenta diferentes culturas de infância, e outras questões, como a relação entre avós e netos, internet, relações familiares, ciclos da vida, doença de Alzheimer, mas sobretudo é uma declaração de amor à arte de ouvir e contar histórias.

O enredo do livro abarca vários temas e apresenta muitas possibilidades de mediação de leitura para o público infantil; entretanto, podemos considerar como temas dominantes: **descobertas de si e família, amigos e escola**. No decorrer das páginas, se revelam os ciclos da vida: nascimento, infância, envelhecimento, além do encontro poético de duas gerações que são, muitas vezes, pouco consideradas em nossa sociedade: os idosos e as crianças. As percepções que o protagonista Vicente tem no início da narrativa sobre a

sua avó vão se transformando durante a convivência diária, com as descobertas que ele vai fazendo sobre a família ao longo e a partir dos recontos da avó.

A transformação do protagonista nos conecta ao tema “Diversão e aventura”, à medida que os leitores são convidados a ir além de suas realidades imediatas e estimulados a imaginar o universo subjetivo da avó que sofre com a doença de Alzheimer. Mesmo com a perda da memória, muitos de seus afetos e lembranças são revelados, ao passo que outros detalhes são citados vagamente e despertam curiosidade, como a paixão da idosa pelos girassóis e a fantasia do que poderá existir na água. Por meio da narrativa visual e textual, o livro também reforça a mensagem sobre a importância da oralidade e da arte de ouvir e contar histórias, já que a história da avó é contada oralmente, repetidas vezes, trazendo uma referência que faz parte do universo das narrativas tradicionais. Dessa forma, o leitor é convidado a se envolver na leitura, tanto pelo trabalho com a linguagem quanto pelo desenvolvimento da narrativa.

O gênero literário de *Mesma nova história* é o conto, que se traduz como uma narrativa breve de ficção, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço em geral limitado a um ambiente) e número restrito de personagens.

A partir da leitura do artigo “Contos populares, literatura e formação”, de autoria do pesquisador e escritor Ricardo Azevedo², pode-se também relacionar a história ao gênero conto

.....
2 In: *Revista Releitura*. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, n. 21, abr. 2007.

popular, por apresentar uma estrutura semelhante. Segundo o autor, esse gênero narrativo não costuma ocorrer num tempo determinado (ou histórico), mas, como nos mitos, num passado ou numa dimensão anterior e desconhecida. O início da narrativa de *Mesma nova história* apresenta essa característica atemporal, anunciada pelo autor a partir da introdução “num lugar muito distante que poderia ser aqui”, “num tempo incerto que poderia ser agora”. Com as personagens dos contos populares, também acontece algo semelhante. Muitas vezes, os protagonistas não têm nome, são “o pai e seus três filhos, o mais velho, o do meio e o caçula”, “a bela adormecida no bosque”, ou “certo rei muito poderoso, pai de uma princesa mais linda do que as flores do campo”. Em *Mesma nova história*, o menino tem nome, mas a avó, propositalmente, não. Poderia ser qualquer avó, de qualquer família. Assim como a passagem do tempo e da espacialidade, a história se desenvolve em um momento fora do tempo cronológico, e de uma cidade, estado ou bairro específico.

Vamos conhecer um pouco mais dos autores?

Quanto mais informações conseguimos obter sobre os autores das obras que mediamos, mais facilidade temos de estabelecer relações entre os leitores e o livro que estamos apresentando. Não é necessário que as educadoras e os educadores compartilhem todas as informações com as crianças, mas entender a percepção do contexto em que obra foi elaborada e o percurso dos autores e ilustradores contribui para a

tomada de decisão do trabalho que será desenvolvido. Dessa forma, apresentamos algumas curiosidades dos autores e do ilustrador de *Mesma nova história*.

O Everson Bertucci é colecionador de palavras e aventuras. Nasceu no Paraná, cresceu em Rondônia, estudou em São Paulo. Sempre foi da área de exatas, até o momento em que entrou no cursinho pré-vestibular e se encantou por literatura. Foi nesse período que tudo mudou e a arte entrou definitivamente em sua vida. Não foi aprovado na faculdade que gostaria, mas sim num grupo de teatro, onde ficou por quatro anos como ator amador, aventurando-se também na dramaturgia.

Em decorrência da escrita, formou-se jornalista e depois ator profissional. Conciliou as duas profissões por alguns anos, até perceber que não queria mais atuar em ambas. Decidiu fazer licenciatura em artes visuais e recomeçar. Mudou-se de São Paulo para Santa Catarina e assumiu a docência em 2017, onde atua desde então. Foi lecionando que a escrita se consolidou e a literatura para a infância tornou-se um norte. Em 2021, foi vencedor do Prêmio Alfredo Fernandes de Literatura Infantil de Manaus com o texto “O velhinho da casa rosa”.

A recordação mais antiga que João Vaz tem do início da sua paixão por desenhos é a pintura de um muro da vizinhança de seu bairro, Jardim Luanda, para celebrar a realização da Copa do Mundo de Futebol de 1994. Começou a trabalhar com ilustração aos 10 anos quando trocava desenhos por balas com uma coleguinha da escola. Já no colégio, inspirado pelos quadrinhos que lia, rabiscava os bicos dos tênis *All Star* do pessoal e

fazia caricatura de professores. No ensino médio, se encarregava de fazer as caricaturas das turmas que se formavam. Chegou a desenhar trezentas pessoas em um dia! Quando começou a pintar *shapes* de *skate* se deparou com novas técnicas de ilustração. Dessa maneira, o interesse pelas descobertas, invenções e diversidades se tornou presente. Enquanto ilustra, João pensa em música e cria ritmos. Seu interesse pelas sonoridades o acompanha antes mesmo do desenho. Sua família convive com músicos e por isso ele desenvolveu uma escuta para os sons naturalmente. Por causa disso, sempre trabalhou com ilustração e música. Hoje, além de ser ilustrador, trabalha com projetos audiovisuais.

Mafuane é um nome de origem africana bantu e significa “terra natal”, ou seja, saudade do local de origem, das raízes. Essa não é apenas a história do nome da autora, mas uma característica identitária de Mafuane Oliveira, que, movida por esse sentimento, sempre pesquisou histórias de diferentes povos africanos e suas diversas formas de manifestação artística e cultural. Foi essa história pessoal, mesclada com as muitas outras que ela ouviu e contou pelo mundo, que a levou a conhecer dois países do continente africano: São Tomé e Príncipe e Moçambique, que têm como língua oficial o português, como o Brasil. Em Moçambique, conheceu o povo changana e sua língua, na qual a palavra “mafuane” significa “guardadora de rebanhos ou criadora de gado”. Como ela nunca criou gado, Chico Antônio, um importante músico daquele país, ao se encontrar com essa brasileira de

nome moçambicano, a batizou como “guardadora de histórias”. Essa informação veio fortalecer ainda mais sua identidade de contadora de histórias, com o seu “chaveiro”, um instrumento mágico feito de chaves que guardam histórias de muitos lugares do mundo.

Atualmente, ela trabalha como arte-educadora, atriz, professora e contadora de histórias. Adotou a contação de histórias como linguagem artística, fazendo dessa arte seu espaço de conexão e transformação social. Foi justamente a partir das aulas que ministrou nas bibliotecas e salas de leitura do ensino fundamental e educação infantil que iniciou sua carreira como contadora de histórias e autora.

2. Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

A leitura de *Mesma nova história* possibilita aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental uma reflexão sobre aspectos que se relacionam com competências gerais constantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como os itens 8 e 9 que recomendam aos estudantes:

“Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica

e capacidade para lidar com elas” e “exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.”

Como já explanado, o enredo do livro tem como fio condutor o encontro de duas gerações. Por meio da relação entre uma avó e seu neto, a história pode contribuir para o fortalecimento dos vínculos familiares e a valorização da ancestralidade, independentemente das origens étnico-raciais de cada família.

A obra apresenta múltiplas camadas narrativas e históricas, como os tensionamentos do encontro intergeracional, mas, aqui, diferentemente de algumas obras infantis, a história tende a fugir de abordagens maniqueístas que categorizam as personagens como boas ou más. O foco da história é justamente a relação e a transformação não só das subjetividades das personagens, mas também da forma de narrar o universo cultural afro-brasileiro e o cotidiano de uma família negra.

Embora as questões da temática étnico-racial não sejam abordadas de forma explícita no texto do livro, é possível que o tema apareça nas falas e comentários das crianças a partir da leitura das imagens e do contexto cultural da narrativa.

Pelo viés literário, estudantes afrodescendentes terão a oportunidade de se verem representados e crianças de outros grupos sociorraciais poderão se aproximar e desenvolver empatia por uma família diferente da sua. Apresentar obras literárias com protagonistas negros nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contribui de forma positiva para a construção das subjetividades e referências das crianças, além de colaborar para o processo de descolonização do currículo, como nos lembra a pesquisadora e educadora Nilma Lino Gomes:³

A descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente.

No caso deste livro, os dilemas centrais apresentados na narrativa não estão diretamente ligados às questões de fenótipo, estética ou conflito étnico. *Mesma nova história* revela outras formas de existência e subjetividades da população negra, para além das violências impostas pelo racismo, a partir da criação de espaços de vida, de arte e de brincadei-

ras. É sobre se conectar com outros valores civilizatórios da diáspora africana pautados na memória, ancestralidade, oralidade e escuta ativa.

Ler e contar histórias oralmente são duas situações que resultam em aprendizagens importantes para as crianças. As duas práticas devem ocorrer paralelamente na escola e na família desde muito cedo, não apenas pelas diferentes aprendizagens socioemocionais e cognitivas proporcionadas por cada uma delas, mas também porque a oferta das duas práticas contribui para o desenvolvimento de habilidades de comunicação nas crianças. Quanto mais histórias lemos, ou quanto mais estivermos familiarizados com a linguagem do mundo dos livros, tanto mais a linguagem empregada oralmente na narração de uma história ou em outros momentos de comunicação oral se mostrará atravessada pela linguagem escrita e suas formas de expressão.

No caso de *Mesma nova história*, a valorização da oralidade se intensifica nas características da personagem da avó, que narra fatos biográficos, mas também traz a realidade de outras infâncias, valorizando outras formas de brincar. Os temas abordados e o fato de uma das protagonistas ser uma criança negra aproxima a narrativa do universo dos leitores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A paixão pela virtualidade também pode ser considerada uma das possíveis características da faixa etária, principalmente após o contexto da pandemia de covid-19. Diante do fechamento

.....
³ GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, janeiro/abril de 2012.

temporário das escolas, que precisaram atender aos protocolos sanitários, estudantes, educadores e toda a comunidade escolar foram desafiados a encontrar novas metodologias de ensino e outras formas de interações a partir da virtualidade, resultando mais tempo de exposição diante das telas de aparelhos eletrônicos.

2.1. Estabelecendo diálogos com a BNCC e o PNA

A leitura de *Mesma nova história* possibilita às crianças desenvolver algumas competências e habilidades previstas para os anos iniciais do Ensino Fundamental, de acordo com a BNCC. Na área de Língua Portuguesa, consideramos:

- (EF15LP15) *Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.*

Além disso, ao apresentar o gênero conto para as crianças, esta obra permite que trabalhemos a habilidade:

- (EF15LP16) *Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.*

A diagramação e a tipografia do livro apresentam letras de imprensa e formato bastão. A diagramação contribui para a

interpretação de texto pelo leitor, destacando questões importantes, além de possibilitar que crianças que estejam no início do desenvolvimento de suas competências leitoras possam desenvolver as habilidades:

- (EF01LP11) *Conhecer, diferenciar e relacionar letras em formato imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas.*
- (EF15LP18) *Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.*

A partir das atividades de pós-leitura sugeridas neste material, é possível contemplar a habilidade de escrita compartilhada ou autônoma:

- (EF02LP14) *Planejar e produzir pequenos relatos de observação de processos, de fatos, de experiências pessoais, mantendo as características do gênero, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.*

A apreciação dos brinquedos apresentados na ilustração e as atividades de pré e pós-leitura atendem a unidade temática de artes integradas se relacionando com a habilidade:

- (EF15AR24) *Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.*

O fenótipo das protagonistas negras e a investigação sobre almirantes e marinheiros negros no legado artístico e estético cultural das comunidades afro-brasileiras propiciam:

- (EF15AR25) *Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira,*

incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

No que diz respeito ao PNA, o enredo da obra estimula atividades que contemplam a interação verbal, por meio da conversa sobre o livro, tanto no ambiente escolar quanto com a família, em atividades de pós-leitura que incentivem o leitor a conhecer melhor sua história de vida. O desenvolvimento do vocabulário poderá ser ampliado com palavras que não são tão usuais nessa faixa etária, tais como: convicções, almirante, ladainha, e a própria discussão sobre a doença da avó revelará a palavra *Alzheimer*.

3. Propostas de atividades

3.1. Pré-leitura

Antes de ler o livro com sua turma, é importante explorar com as crianças a capa, a contracapa, referências sobre os autores e a sinopse do livro. Esse momento tem como objetivo identificar os conhecimentos prévios das crianças sobre os temas abordados, envolvê-las na leitura, despertar a curiosidade e possibilitar que criem hipóteses sobre o desenrolar da história, que posteriormente serão confirmadas ou refutadas.

É possível também iniciar uma breve conversa sobre o convívio que as crianças têm com seus avós para que elas comecem a se aproximar e estabelecer relação entre eles e as personagens do livro.

Pode-se planejar uma breve conversa a partir dessas perguntas:

- Qual será o assunto deste livro? Uma história pode ser a mesma e nova ao mesmo tempo? O que acham disso?
- Quem será essa personagem da capa?
- Vamos ler a contracapa do livro: o que imaginam que pode florescer da convivência de uma avó que está perdendo a memória com um menino que só pensa em jogos eletrônicos?



- Você gosta de jogos eletrônicos? Costumam brincar com muita frequência com eles?
- O que mais chamou a sua atenção na capa e na contracapa deste livro?

Se desejar, você pode conhecer um pouco mais sobre os autores, assistindo a alguns vídeos disponíveis nos *sites* e em seus canais, Camarim (do Everson) e Chaveiroeiro (da Mafuane):
Everson Bertucci – <https://www.youtube.com/watch?v=7eOY5q3oQAo>
Juão Vaz – <https://vaz.art.br/>
Mafuane Oliveira – <https://www.youtube.com/chaveiroeiro>

3.2. Leitura

O livro *Mesma nova história* pode ser lido em diferentes modalidades de leitura, que a professora ou o professor poderá escolher de acordo com as necessidades de aprendizagem e conhecimento de sua turma.

Com grupos que já tenham adquirido as competências e habilidades leitoras, pode-se optar pela experiência de leitura silenciosa e individual, em que as crianças leem sozinhas. A segunda opção é a leitura realizada pelo professor ou professora, em que o mediador atua como modelo leitor, a fim de que o grupo possa observar as ilustrações e detalhes do projeto gráfico. E a terceira sugestão é a leitura compartilha-



da, modalidade em que o mediador realiza a leitura em voz alta, mas os estudantes acompanham com um exemplar em mãos. Nessa variante, pode-se adotar o rodízio de leitura, selecionando com antecedência as partes destinadas à leitura de cada criança.

Independentemente do modelo escolhido, é importante que o mediador garanta a interação verbal. A leitura compartilhada pode ser feita com inferências para garantir que a força do texto e os momentos de tensão entre as duas personagens e a voz do narrador sejam intensificadas, possibilitando novas interpretações e identificação dos leitores com as protagonistas.

De acordo com Yolanda Reyes, precisamos de toda literatura possível na escola, não para sublinhar ideias principais, mas para favorecer uma educação sentimental. Nesse sentido, é fundamental abrir espaço para que as crianças reflitam sobre a leitura e possam compartilhar suas impressões, relacionando o que leram ao que sentem, reconhecendo os efeitos que a leitura causou em cada uma delas.

As ilustrações do livro merecem um momento de análise, para que as crianças manifestem suas opiniões e estabeleçam relação entre as linguagens narrativas escritas e visuais. Podem-se realizar algumas inferências a partir dessas perguntas:

- Quem está pintando o quadro?

- Quem será a personagem do quadro? O que ela carrega em suas mãos?



- Vamos observar esta imagem:



- Qual sensação ou sentimento a avó parecia ter quando tinha vontade de sair voando pela janela?
- Vocês conseguem imaginar quais lembranças motivavam essa vontade?

Ao analisarmos esta imagem....



- Por que será que a água era tão importante? O que será que ela enxergava na água? Quais recordações poderiam ser despertadas?

3.3. Pós-leitura

Por abordar muitos temas, as propostas para o momento de pós-leitura do livro são diversas. Neste material vamos sugerir

algumas; entretanto, educadoras e educadores podem adaptá-las de acordo com a realidade social e necessidades de aprendizagens pertinentes à sua turma.

3.3.1. Produção da árvore genealógica e leitura em casa (Literacia Familiar)

Como consta na BNCC, na área de História, “os indivíduos desenvolvem sua percepção de si e do outro em meio a vivências cotidianas, identificando o seu lugar na família, na escola e no espaço em que vivem” (p. 403). Em consonância com o documento, a investigação e a construção da árvore genealógica contemplam duas unidades temáticas importantes descritas na BNCC, como as fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro); as diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade; a vida em família, com suas diferentes configurações e vínculos. Podemos relacionar com as habilidades:

- *(EF01HI01) Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade. As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade.*

- *(EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.*
- *(EF01HI01) Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.*
- *(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.*

Partindo dos recontos da avó sobre suas memórias e o modelo familiar, é possível iniciar a atividade relendo o trecho da página 13:

“Foi casada com o almirante e teve vinte filhos. Três morreram como bravos heróis de guerra, dois foram morar em outro país, quatro ela nem sabia por onde andavam, seis moravam na vizinhança e cinco viraram anjinhos no céu.”

Etapa 1 – Roda de conversa na escola

Após a leitura do trecho acima, o mediador pode iniciar um diálogo perguntando ao grupo qual a percepção deles sobre o modelo familiar apresentado no livro e fazer um contraponto com o modelo familiar das crianças. Esse diálogo irá preparar o grupo de estudantes para a segunda etapa da atividade.

Sugerimos que a criança leve o livro para casa para leitura compartilhada. É sabido que nem sempre todas as famílias têm condições de ter o livro; nesse caso, é importante que a escola viabilize o empréstimo da obra, contribuindo para a **literacia familiar** em que a criança poderá experienciar outras formas de mediação e fortalecimento do vínculo por meio da literatura.

A pesquisadora Michèle Petit⁴ reforça a pertinência da importância dessas vivências familiares na formação do leitor literário e da literatura como fonte de prazer. Afirma ela:

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância também de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras.

Etapa 2 – Árvore genealógica

Para além da leitura do livro em casa, uma segunda opção é que as famílias assistam ao vídeo da versão narrada oralmen-

.....
⁴ PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.

te pela autora, Mafuane Oliveira, disponibilizado no *site* da Editora Peirópolis e no *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=-C9KUuPcFbM&t=2s>

Como atividade complementar, o professor ou professora pode orientar os alunos e seus familiares a confeccionar, após a leitura ou apreciação do vídeo, uma árvore genealógica. Para isso, as crianças podem recorrer a tios e avós para recolher o material necessário para fazer a representação gráfica dos antepassados da família, que deverá ser compartilhada na escola. Além disso, como mais um complemento, as crianças poderão fazer um desenho dos membros mais próximos, como pai, mãe, irmãos e irmãs. O mais importante é que nesse momento o responsável compartilhe com a criança as histórias de seus antepassados: como eram? O que faziam? Onde viveram? Será que alguns membros da família são parecidos fisicamente? Quais histórias contavam?

3.3.2. Lista de brinquedos e pesquisa de brincadeiras

Este livro permite a aproximação a diferentes realidades e culturas de infância. As narrativas verbal e não verbal nos possibilitam refletir sobre os brinquedos e brincadeiras de diferentes épocas. Para iniciar essa atividade, que pode favorecer a interdisciplinaridade, sugerimos que a professora ou professor releia com as crianças as páginas 40 e 41, em que aparecem as

ilustrações e o nome dos brinquedos. A partir das imagens, pode-se conversar com as crianças sobre os brinquedos, estimulando-as a comunicar oralmente quais deles já conhecem e com quais já brincaram.



Etapa 1 – Produção textual (Elaboração de listas para escolher brinquedos)

Avise às crianças que elas irão preparar, coletivamente ou em duplas, uma lista dos brinquedos que aparecem no livro. Para tanto, recorde com o grupo quais são os brinquedos citados no livro:

BOLA, CARRINHO DE MADEIRA, PETECA, IOIÔ, MOLA MALUCA, AVIÃOZINHO DE MADEIRA, PIÃO, BAMBOLÊ, PIPA, BARQUINHOS.

O livro sugere que o menino levou outros brinquedos antigos. Alguns deles aparecem na ilustração, outros, não. Nesse momento, é importante questionar as crianças:

- **Quais** seriam os outros brinquedos antigos?

Para que a atividade tenha sentido para elas, a lista poderá ser utilizada para que as crianças possam escolher do que brincar, ou até mesmo compartilhar ideias de brincadeiras antigas com outras turmas da escola, ampliando o repertório de brincadeiras.

A professora ou professor deve acolher as diferentes respostas. Os brinquedos lembrados e que não são citados no livro podem fazer parte de uma segunda lista, que poderá ser ampliada por meio de uma atividade de pesquisa a ser realizada preferencialmente com as avós e os avôs ou com outra pessoa mais velha da família ou do círculo afetivo da criança.

Etapa 2 – Pesquisa com avós

A entrevista com as avós e os avôs pode abordar brinquedos antigos, mas também jogos e brincadeiras que poderão ser compartilhados com a turma. Posteriormente, a professora ou professor pode confeccionar com as crianças um registro com os brinquedos e brincadeiras antigas, em forma de cartazes que contenham imagens ou desenhos relacionados com a pesquisa. Um trabalho mais elaborado pode fazer com que a pesquisa e os registros virem um livro.

Etapa 3 – Dia do Brinquedo ou da Brincadeira

Posteriormente, pode-se organizar um dia de brincadeiras para que as crianças vivenciem as experiências relatadas

na pesquisa. Uma terceira proposta é construir brinquedos artesanalmente, com materiais recicláveis, como pipa, pião, barquinhos de papel, ioiô, bilboquê e outros itens coletados na pesquisa.

As propostas sugeridas dialogam tanto com a unidade temática da BNCC referente ao ano: *A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial*” (p. 406) quanto com a do 2º ano: *“as formas de registrar as experiências da comunidade”* (p. 409), favorecendo as habilidades:

- (EF01HI05) *Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.*
- (EF02HI04) *Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário. Formas de registrar e narrar histórias (marcos de memória materiais e imateriais)*
- (EF02HI05) *Selecionar objetos e documentos pessoais e de grupos próximos ao seu convívio e compreender sua função, seu uso e seu significado.*
- (EF02HI08) *Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes.*
- (EF02HI09) *Identificar objetos e documentos pessoais que remetam à própria experiência no âmbito da família e/ou da comunidade, discutindo razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados.*

Etapa 4 – Registro multimídia

Caso os educadores, as crianças e a unidade escolar disponham de recursos técnicos, eles podem produzir uma mídia audiovisual a respeito dos “brinquedos e brincadeiras de antigamente”. A linguagem audiovisual poderá ser apresentada à comunidade escolar como um contraponto à atitude do menino Vicente, que tinha os objetos eletrônicos como fonte única e exclusiva de entretenimento.

É sabido que jovens e crianças cada vez mais têm se engajado como protagonistas da cultura digital, envolvendo e produzindo novas formas de interação multimídia e multimodal e de atuação em redes sociais, seja com a participação da família, seja, em alguns casos, infelizmente, sem a supervisão de um responsável.⁵ Resignificar com as crianças formas mais democráticas e conscientes de utilização da tecnologia e virtualidade é um dos maiores desafios das instituições educacionais. Quando educadores e crianças, juntos, experienciam no ambiente escolar o potencial do universo digital, é possível instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de atividades pedagógicas que propiciam cenários em que alunos e professores relatem informações de forma oral, escrita e multimodal, como previsto na BNCC.

5 BRASIL. Ministério da Educação – Base Nacional Comum Curricular (BNCC), p. 61. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em novembro de 2021.



3.3.3. Narração de histórias e oralidades afro-brasileiras

A BNCC, no Eixo Leitura, reforça as “práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação(...)”⁶, elementos estes fundamentais para a formação do leitor literário. A literatura e a narração de histórias partilhadas oralmente têm a capacidade de abordar experiências humanas com ludicidade, e até mesmo abordar assuntos desafiadores utilizando-se da subjetividade, de forma a contribuir para que jovens e crianças consigam caminhar em seu percurso de desenvolvimento de forma crítica e consciente.

Embora saibamos o quanto as práticas de narração de histórias contribuem para a formação de “leitores literários”, ainda é necessário ampliar o trabalho com a oralidade e a contação de histórias no ambiente escolar, não apenas entendendo as práticas orais como estratégia para incentivar a leitura, mas assumindo a importância da narração oral como um valor civilizatório fundamental, principalmente quando se trata dos saberes e narrativas tradicionais das comunidades afro-ameríndias, sem as quais simplesmente não existiriam as culturas e as identidades brasileiras contemporâneas.⁷

6 BNCC, p. 69.

7 MARTINS, 1997.

Nesse contexto, relacionamos outras possibilidades de abordagem a partir da leitura da obra *Mesma nova história*. As atividades e bibliografias sugeridas favorecem a intertextualidade com outras obras literárias e propõem intervenções didáticas que valorizam a arte de contar e ouvir histórias, sejam elas ficcionais, fábulas, contos fantásticos ou biografias afro-brasileiras, que podem incrementar atividades de reconto em sala de aula tanto das crianças quanto de educadores e educadoras.

Recontando histórias

As estratégias para trabalhar o reconto em *Mesma nova história* são múltiplas. O educador ou educadora ou mediador ou mediadora de leitura pode assumir o papel de narrador, partilhando a história oralmente com o grupo e em seguida organizando uma roda de conversa para que as crianças relembram a experiência delas e quais as diferenças de se ouvir a história oralmente e por meio da mediação de leitura. O grupo pode enumerar as diferenças observadas na versão escrita e na versão oral e, também, construir um reconto coletivo, destacando as nuances de uma narrativa oral e de uma leitura de narrativa escrita.

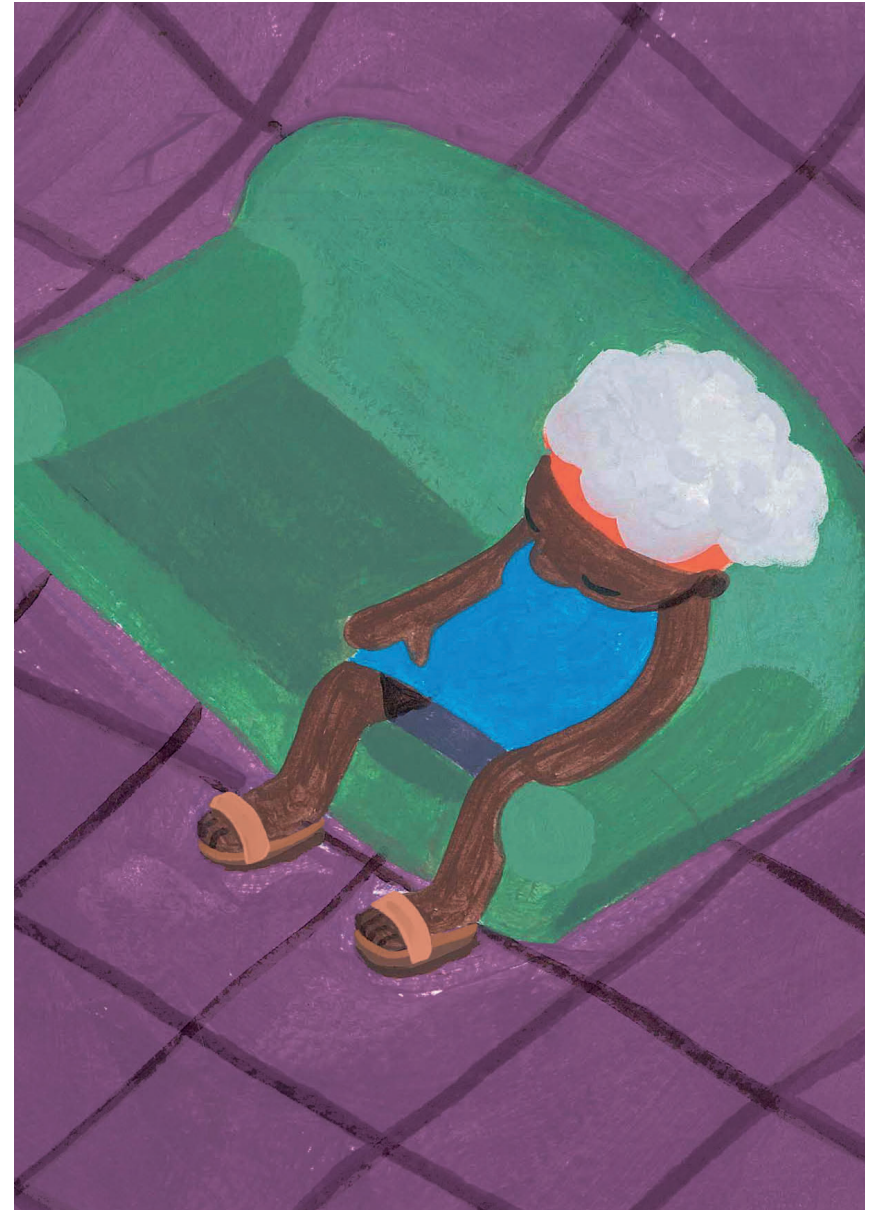
Outra possibilidade é assistir ao vídeo de *Mesma nova história* já indicado na atividade da árvore genealógica e sugerir que as crianças identifiquem as diferenças e recontem a história oralmente de forma coletiva ou em pequenos grupos.

Entretanto, encorajamos que você, professora ou professor, narre *Mesma nova história* e outras histórias oralmente, como a nossa avó protagonista. É necessário que as crianças tenham uma referência de narrador. “Ler não é melhor do que contar de ‘boca’, como dizem as crianças. Contar de boca não é melhor do que ler.” É o que nos lembra a pesquisadora Regina Machado em seu livro *Acordais*.⁸ Reforçando ainda que é importante contar sem o livro, para experimentar uma qualidade diferente de relação com a audiência, por meio da qual os olhos, mãos e gestos corporais do narrador encontram os olhos, as mãos e os gestos da audiência, permitindo que essa receptividade contribua para o nosso modo de relatar a história. O mediador pode experimentar improvisar, deixando que as palavras se encadeiem ao sabor do momento, guiadas pela sequência narrativa da história.

Como sugestão de outras possibilidades de experienciar a transmissão de histórias oralmente, recomendamos o projeto “Deixa que Eu Conto”, uma iniciativa do Unicef no Brasil, que tem como objetivo levar para as crianças histórias, brincadeiras e curiosidades através de programas em áudio que duram em média 30 minutos.⁹ A curadoria das

8 MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

9 Site: <https://www.deixaqueeuconto.org.br/>. A autora, Mafuane Oliveira, também participa de dez programas com narrações tradicionais de povos africanos e biografias afro-brasileiras.



histórias é cuidadosa e cada programa revela diferentes infâncias brasileiras. Além disso, a iniciativa se alinha e fortalece as orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria, em especial no que se refere ao “tempo de tela” e à distração passiva que os equipamentos eletrônicos promovem em um momento em que é importantíssimo proporcionar brincadeiras ativas e interações com o mundo.

4. Outras propostas de abordagem da obra

A personagem da avó narradora de *Mesma nova história* é salva pela memória da história de sua antiga família e as recordações da avó podem estimular outras realidades imaginativas para as crianças, relacionando as lembranças da personagem e as ilustrações com outras personagens históricas da cultura afro-brasileira e, também, com uma pesquisa a respeito de outros narradores de histórias.

4.1. Roda de conversa: almirantes e marinheiros negros

Para iniciar esta conversa, é importante que a professora ou professor reveja a página da ilustração do almirante, perguntando para as crianças se conhecem alguma história cujas

personagens são almirantes ou marinheiros negros. Após as manifestações das crianças, o mediador ou a mediadora pode tocar a canção tradicional afro-brasileira de domínio público *Marinheiro só*:

Marinheiro só

Eu não sou daqui
marinheiro só
Eu não tenho amor
marinheiro só

Eu sou da Bahia
marinheiro só
De São Salvador
marinheiro só

Ô marinheiro, marinheiro
marinheiro só
Quem te ensinou a nadar
marinheiro só

Ou foi o tombo do navio
marinheiro só

Ou foi o balanço do mar
marinheiro só

Lá vem, lá vem
marinheiro só
Como ele vem faceiro
marinheiro só

Todo de branco
marinheiro só
Com seu bonezinho
marinheiro só.

Após escutar a música, a professora ou o professor pode partilhar oralmente, ou com auxílio de publicação infantil, as histórias de dois marinheiros importantes para a cultura afro-brasileira: João Cândido e Dragão do Mar.

4.2. João Cândido: conhecendo um pouco mais sobre a personagem histórica

A ilustração do marido da avó de *Mesma nova história* é uma homenagem à personagem histórica da Marinha do Brasil, João Cândido Felisberto, também conhecido como Almirante Negro,

nascido no Rio Grande Sul. Ele foi líder da Revolta da Chibata (1910), movimento de insurreição de marinheiros afro-brasileiros, que, mesmo após a abolição da escravatura, eram torturados com castigos físicos por oficiais brancos. Os castigos físicos já haviam sido legalmente proibidos, mas a Marinha brasileira não acompanhou as mudanças sociais que ocorriam não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A chibata era a forma de tortura utilizada pelos oficiais brancos para punir os marinheiros, em sua maioria negros, por questões supostamente disciplinares. Após mais um marinheiro ter sido condenado a sofrer 250 chibatadas, para a total surpresa dos oficiais racistas brancos que consideravam seus subordinados negros inferiores, na noite do dia 22 de novembro de 1910, os marinheiros, liderados por João Cândido, tomaram com destreza e grande disciplina os principais navios da marinha brasileira, pondo todo o governo e a capital do país em estado de emergência e exigindo vários direitos, entre eles o fim das torturas. O governo não teve alternativa senão negociar com os revoltosos e oferecer anistia; no entanto, após o fim da revolta, o governo não cumpriu os termos do acordo, expulsando e prendendo os marinheiros e assassinando quase todos os líderes numa espécie de câmara de gás improvisada na solitária existente na base militar da Marinha na ilha das Cobras, Rio de Janeiro, do qual só saíram vivos dois marinheiros, entre eles João Cândido. Mesmo tendo vencido na justiça o processo criminal que lhe foi imposto pelo governo, João Cândido continuou sofrendo perseguição política e vivendo em condições muito difíceis. Apesar de todas as perseguições de que foi vítima até o final da vida, ele jamais deixou de ter par-

ticipação política e, por isso, tornou-se um dos maiores símbolos da luta da população negra por direitos e cidadania plena no Brasil.¹⁰ João Cândido foi homenageado pelos compositores João Bosco e Aldir Blanc na canção *O mestre-sala dos mares*, um dos maiores clássicos da música popular brasileira.

5. Para ir além – Propostas de intertextualidade

Como sabemos, uma leitura pode nos levar a outras. Neste material, para além das abordagens sugeridas na leitura de *Mesma nova história*, indicamos outros livros que poderão dialogar com a obra.

5.1. Roda de conversa sobre o Dragão do Mar, a partir de uma obra de literatura infantojuvenil¹¹

Essa obra sobre o Dragão do Mar nos convida a embarcar nas histórias de luta e vitória do povo negro antes mesmo da

.....
¹⁰ Para saber mais, leia o verbete sobre João Cândido em: GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Enciclopédia negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 286.

¹¹ ROSA, Sonia. *O Dragão do Mar*. Ilustração de Anabella López. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2020.

abolição nacional. Você sabia que o Ceará foi o primeiro estado brasileiro a abolir oficialmente a escravidão? Neste livro, a autora, Sonia Rosa, narra para as crianças como isso aconteceu, ao apresentar a vida do grande herói Francisco José do Nascimento, apelidado Chico da Matilde, mas que ficou conhecido como Dragão do Mar por sua atuação na greve dos jangadeiros, em 1881. Chico ganhou esse apelido porque era um marinheiro habilidoso e foi um feroz defensor do fim da escravidão, recusando-se a levar nas jangadas os negros escravizados que seriam vendidos e transportados para os navios na costa do Ceará. Esse evento virou um marco na História do Brasil, pois a partir dele se deu a abolição da escravidão no Estado do Ceará, em 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, em 1888. O texto é cheio de rimas e ritmos, fazendo, em sua forma, a alusão ao mar e seu movimento.



5.2. Roda de conversa sobre outras avós, a partir da leitura de *Betina*, de Nilma Lino Gomes¹²

Esse livro também tem como fio condutor a relação de uma avó com a sua neta e pode ser um contraponto ao enredo de *Mesma nova história*. A obra conta a história de Betina, uma menina que sempre dava um pulo e corria para o espelho todas as vezes que a sua avó terminava um penteado. Ela sempre gostava do que via. A tradição do penteado, Betina aprendeu com sua amorosa avó, que havia aprendido com sua mãe, que por sua vez aprendeu também com sua mãe, e que havia aprendido com uma tia. Só que Betina foi além e espalhou a tradição para filhas e filhos, mães e avós que não eram os dela. Ela abriu um salão de beleza diferente e ficou conhecida em vários lugares do país. Nesse livro, a autora nos convida a olhar o mundo de forma afirmativa por meio de ações e práticas de pessoas que nunca desistiram dos seus sonhos. E muitas delas estão pertinho de nós, além do cuidado com a estética. O penteado afro é uma forma de expressar beleza e divulgar a riqueza cultural afro-brasileira e a força dos saberes ancestrais passados de geração a geração. Betina é um exemplo da força da ancestralidade viva na diáspora africana no Brasil.

.....
¹² GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.



Bibliografia comentada

AZEVEDO, Ricardo. Contos Populares, Literatura e Formação. In: *Revista Releitura*. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, n. 21, abr. 2007.

Neste artigo, Ricardo Azevedo, autor com grande experiência na reescrita de contos populares, investiga as características desse gênero, como por exemplo, a sua relação com a oralidade e a capacidade de abordar aspectos da vida concreta de todos nós. Por tudo isso, pode encantar jovens leitores, contribuindo para seu engajamento na leitura literária.

BRASIL. Ministério da Educação – *Base Comum Curricular (BNCC)*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em novembro de 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se

aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

BRASIL. Ministério da Educação – *Política Nacional de Alfabetização (PNA)*. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/>. Acesso em novembro de 2021.

O Plano Nacional de Alfabetização (PNA) é um documento feito pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Enciclopedia Negra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2021, pag. 286.

Neste livro, os autores elencam mais de 550 personagens negras que se destacaram na história de nosso país. São perfis muito variados passando por profissionais liberais, mães que lutaram pela alforria da família; ativistas e revolucionários; curandeiros e médicos; líderes religiosos, muitas pessoas cujas feições foram apagadas pela história. Para que possamos conhecer suas fisionomias, 36 artistas negros e negras criaram retratos inspirados pelos verbetes da enciclopédia.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

A contadora de histórias e professora da USP, Regina Machado, apresenta nesta obra uma reflexão sobre a importância da arte de contar histórias no mundo de hoje, os recursos internos e externos que podem ser evocados durante o processo de aprender a contar histórias; o trabalho de alguns autores que pensaram na arte narrativa tradicional em termos de suas origens, difusão e possíveis funções no tempo e no lugar das diferentes culturas humanas; e a utilização pedagógica dos contos tradicionais por meio da análise de uma experiência. Uma obra fundamental para todos aqueles e todas aquelas que desejam se aventurar na arte de contar histórias.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

Neste livro, a pesquisadora e professora Leda Maria Martins explora a textualidade oral afro-brasileira, focalizando os “Reinos Negros” e os “Congados em Minas Gerais”, recriando a história da Irmandade de N. S. do Rosário do Jatobá.

REYES, Yolanda. *Lere brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. Trad. Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

O livro reúne quatro ensaios da autora Yolanda Reyes. Nelles, a autora aborda o mundo da linguagem, investigando as

raízes e relações dos atos de ler e de escrever com a educação e a formação de leitores literários, trazendo à tona as próprias experiências como leitora e escritora e, essencialmente, com o mundo tão particular da literatura, que “embora não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros”.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. *In: Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, pp. 98-109, jan./abr. 2012.

Nilma Lino Gomes é professora de graduação e pós-graduação da FAE/UFMG, foi reitora da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab, 2013-2014), ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2015). Neste artigo ela discute as tensões e os processos de descolonização dos currículos na escola brasileira. Enfatiza a possibilidade de uma mudança epistemológica no que se refere ao trato das questões étnico-raciais na escola e na teoria educacional proporcionada pela introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio.



EDITORa aCaLANTO